

Jorge Amado e a Editorial Claridad: *La Vida de Luiz Carlos Prestes* como “autoria coletiva”

Jorge Amado and Editorial Claridad: La Vida de Luiz Carlos Prestes as “collective authorship”

Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio

Doutorando em História pela Universidade de São Paulo

Resumo: O objetivo deste artigo é compreender as condições que possibilitaram a publicação da biografia *La Vida de Luiz Carlos Prestes*, de autoria do escritor brasileiro Jorge Amado (1912-2001), na Argentina no ano de 1942 e que foi lançada pela Editorial Claridad. Problematizaremos, desta forma, primeiramente os projetos políticos e editoriais desta através do seu editor, Antônio Zamora (1896-1976), e, no segundo momento, realizaremos uma análise do livro a partir do que chamamos de autoria coletiva, observando, assim, como o escritor baiano criou uma imagem monumentalizada de Luiz Carlos Prestes na biografia.

Palavras-Chave: Editorial Claridad; Jorge Amado; Autoria; Luiz Carlos Prestes; Biografia.

Abstract: The purpose of this article is to understand the conditions that made it possible to publish the biography *La Vida by Luiz Carlos Prestes*, authored by the Brazilian writer Jorge Amado (1912-2001), in Argentina in 1942 and that was launched by *Editorial Claridad*. In this way, we will problematize, firstly, the political and editorial projects of this one through its editor, Antônio Zamora (1896-1976), and, in the second moment, we will analyze the book based on what we call collective authorship, thus observing how the Bahian writer created a monumentalized image of Luiz Carlos Prestes in his biography.

Keywords: Editorial Claridad; Jorge Amado; Authorship; Luiz Carlos Prestes; Biography.

Introdução

De autoria do romancista brasileiro Jorge Amado, *La Vida de Luiz Carlos Prestes* é a primeira biografia do líder comunista Luiz Carlos Prestes (1898-1990). Publicada primeiramente em língua espanhola, na cidade de Buenos Aires, Argentina, em maio de 1942, pela Editorial Claridad por meio da Coleção Biblioteca de Obras Famosas, volume 77, a obra é tecida a partir de diversas memórias e depoimentos que legitimam um discurso monumentalizado sobre Prestes (1898-1990) nos anos 1940. Ao ser publicada, a biografia conquistou certa repercussão de crítica na América Latina, tendo tido sua edição e comercialização proibida no Brasil durante o período do Estado Novo (1937-1945), realidade que mudou apenas com o fim do regime em 1945, quando o título chegou ao país pela Editora Martins, de São Paulo.

Escrita com a colaboração de diversos autores, em sua maioria militantes comunistas

exilados na Argentina, *La Vida de Luiz Carlos Prestes* pode ser definida como uma biografia romancada, que pretendeu louvar a trajetória do líder político revolucionário gaúcho Luiz Carlos Prestes, retratando suas façanhas, amores e sofrimentos. O livro, acreditamos, além de um sentido artístico, possui uma intensa significação política, pois sua publicação na América Latina teve como propósito a apelação para a libertação de Prestes, que estava preso pelo regime getulista desde o ano de 1936.

Desta maneira, o propósito deste artigo é compreender as condições que possibilitaram a publicação da biografia *La Vida de Luiz Carlos Prestes*, de autoria do escritor brasileiro Jorge Amado, na Argentina dos anos 1940, problematizando os projetos editoriais e políticos da Editorial Claridad, sob responsabilidade do editor espanhol Antônio Zamora e, no segundo momento, realizando uma análise do livro a partir da ideia de autoria, observando, assim, como o escritor baiano criou uma imagem monumentalizada de Luiz Carlos Prestes na biografia.¹

No que se refere ao debate de *autoria*, dialogaremos principalmente com os pesquisadores Michel Foucault (2009) e Roger Chartier (2012). O primeiro proferiu a conferência *O que é um autor?* no Collège de France em 1969, discorrendo sobre o que chama de *função-autor*, que teria sido gerada no fim do século XVIII e que converteu os escritores em instauradores de discursividades dentro de um contexto de crucial individualização na história das ideias, dos conhecimentos, das literaturas, como também na história da filosofia e das ciências. Trinta anos depois, em 1999, Roger Chartier reavivou essa discussão dotada de complexidade, indicando que os processos que deram início ao surgimento da função-autor seriam ainda mais antigos do que os propostos por Michel Foucault.

Ao utilizarmos a noção de *função-autor*, aplicado a outro contexto, anos 1940, através do escritor Jorge Amado, na obra *La Vida de Luiz Carlos Prestes*, pretendemos observar como a coletividade, presente no discurso da cultura política comunista neste mesmo período, mais do que sustentou a elaboração textual do escritor baiano, também representa uma espécie de *autoria-coletiva*, expressa pelo teor do próprio texto, um projeto político e editorial coletivo, como veremos.

Entretanto, antes de qualquer movimento analítico, procuramos inicialmente evidenciar o contexto político, social e cultural da Argentina na década de 1940, inserindo o lugar da Editorial Claridad e seu editor Antônio Zamora, para depois chegarmos ao livro em si por meio da análise do lugar social do escritor brasileiro Jorge Amado no contexto da América Latina durante o período destacado.

A cidade de Buenos Aires na primeira metade do século XX: Antônio Zamora e o mercado editorial argentino

De acordo com Beatriz Sarlo (2010), a atividade editorial na Argentina na primeira me-

1. A análise do livro será realizada a partir de duas diferentes edições do livro: uma publicada em 1979 pela Editora Record; e principalmente outra, mais recente, do ano de 2011, lançada pela editora Companhia das Letras.

tade do século XX se caracterizou por um contexto de expansão urbana, crescimento populacional, processo de modernização tecnológica, bem como pela ampliação dos níveis de escolarização e alfabetização e profissionalização dos intelectuais.

O primeiro aspecto a destacarmos é o processo simultâneo de expansão urbana, que possibilitou um crescimento populacional muito significativo ao longo das primeiras décadas do século passado. Tudo isso em parte devido à intensa imigração europeia e, pouco tempo depois, ondas de migração interna para centros urbanos como Buenos Aires. A Argentina, segundo Alfredo Lattes e Ruth Sautu (1978), ocupou o segundo lugar entre as nações que receberam maior imigração europeia nos 100 anos entre, aproximadamente, a metade do século XIX e a década de 1950.

Mesmo no contexto da América Latina, a centralidade cultural de Buenos Aires se constituiu principalmente através da chegada de imigrantes, muitos deles com experiência na Europa. Nesta lógica, Beatriz Sarlo (2010) atribui tais mecanismos ao surto imigratório, ao acesso ampliado à escolaridade, à formação de um público leitor, à expansão acelerada do mercado editorial, dedicado à realização de diferentes gêneros e formatos midiáticos, a exemplo de folhetins, ficções, ensaios, manuais. Um processo entendido como decisivo para a democratização da distribuição e consumo de artigos culturais.

Somado a isso, uma mudança de percepção do mundo moderno foi sendo construída, causada por um rápido crescimento material da capital argentina. Para Beatriz Sarlo (2010: 34), “a experiência de velocidade e a experiência da luz moldam um novo elenco de imagens e percepções”. Todavia, mesmo tendo uma forte influência europeia, segundo a mesma autora, tal processo de modernização não pode ser compreendido como uma mera cópia da cultura europeia de modernidade, mas sim como uma *modernidade periférica*, no qual houve um processo de empréstimos meticolosos de leituras e conceitos importados.

Nas palavras de Beatriz Sarlo (2010), a cultura argentina pode ser apresentada neste período como “uma cultura de mescla, em que coexistem elementos defensivos e residuais junto com os programas renovadores; traços culturais da formação *criolla* ao lado de um processo descomunal de importação de bens, discursos e práticas simbólicas” (SARLO, 2010: 56-57).

É neste sentido que a própria Beatriz Sarlo (2010) compreende que houve uma mudança contínua na vida intelectual da cidade de Buenos Aires:

A nova paisagem urbana, a modernização dos meios de comunicação, o impacto desses processos nos hábitos são o marco e o ponto de resistência em torno dos quais se articulam as respostas produzidas pelos intelectuais. No decorrer de pouquíssimos anos, eles têm de processar, inclusive na própria biografia, mudanças que afetam relações tradicionais, modos de produzir e difundir cultura, estilos de comportamento, modalidades de consagração, funcionamento de instituições (SARLO, 2010: 53-54).

Somado a tudo isso houve uma política de redução do analfabetismo na Argentina produzida por investimentos na escolaridade, e uma expansão das bibliotecas populares. Em 1930,

por exemplo, a população argentina analfabeta era menor do que 7% da população, segundo os estudos de Gabriela Pellegrino Soares (2002) e José Luís Diego (2015), perfazendo um dos menores índices de analfabetismo no mundo. Houve um espaço ampliado de público leitor potencial não apenas nas camadas médias, mas também de setores populares, o que causou um processo de consolidação de um mercado editorial local no mesmo período. Entre os destaques, como protagonistas neste processo, encontramos o imigrante espanhol Antônio Zamora e seu projeto Editorial Claridad.

Falar da história editorial argentina é indiscutivelmente citar algumas iniciativas, como a Editorial Claridad e seu editor Antônio Zamora (1896-1976), imigrante espanhol militante do Partido Socialista Argentino. A Cooperativa Editorial Claridad, que também foi chamada pelo pesquisador Luís Alberto Romero de “Tribuna do Pensamento Esquerdista”, “Universidade Popular”² e como “Empresa Cultural”³, é reconhecida como um marco na história editorial na América Latina, não apenas na Argentina. Por isso mesmo, de acordo com Gabriela Pellegrino Soares (2002), a editora acabou tornando-se uma das temáticas mais destacadas nos estudos sobre história intelectual na Argentina nas últimas décadas. A maioria dos pesquisadores do tema situa a editora como o principal projeto cultural realizado nas décadas de 1920 e 1930 na Argentina.

No que se refere a Zamora e suas posições políticas, as abordagens privilegiam caracterizações como um progressista, cuja militância socialista se deu no campo editorial. José Luís Diego (2015), todavia, compreende que “não se trata de um catálogo militante, revolucionário, e sim de uma esquerda pacifista e antifascista que procurava um caminho de um socialismo que pudesse construir reformas progressistas no interior do parlamentarismo burguês”⁴ (DIEGO, 2015: 126). O mesmo reconhece que a editora possuía um projeto pedagógico mais moral que político, cujo caráter exemplar alcançou grande reconhecimento social em seu tempo.

Mas, para compreender a trajetória da editora é necessário recuarmos aos anos 1920. Em janeiro de 1921, a maioria dos livros comprados na Argentina era importada da Espanha. Zamora publicou um texto de Anatole France para inaugurar a coleção *Los Pensadores*⁵. Ao alcançar o número de 100 edições, o editor transformou a coleção em revista, a qual atingiu seu número 22, passando a se chamar *Claridad*, nome do selo de sua editora. A Revista Claridad foi publicada em Buenos Aires entre os anos de 1926 e 1941 e surgiu da inspiração do grupo francês Clarté.⁶ Na década de 1930, período em que as revistas homônimas já haviam perecido

2. Segundo Sagastizábal, através do estudo de Gabriela Pellegrino Soares (2002), Zamora teria declarado que concebeu a sua editora não como uma empresa comercial, mas como uma espécie de universidade popular.

3. A partir do trabalho de José Luís Diego (2015) tivemos acesso ao trabalho clássico de Luís Alberto Romero sobre as bibliotecas dos setores populares em Buenos Aires, que analisou a Claridad como uma empresa cultural na cidade durante o entreguerras e que buscou orientar a satisfazer de leituras as camadas sociais mais baixas.

4. Tradução nossa.

5. De acordo com Juliana Cedro (2012), a maioria dos colaboradores da revista era do Partido Socialista, sendo uma espécie de tribuna do pensamento esquerdista na Argentina, dando espaço às mais variadas tendências do socialismo, anarquismo, comunismo, americanismo.

6. A ideia da fundação de um movimento internacional de mobilização dos intelectuais para uma luta política partiu da militância de Romain Rolland contra a Guerra, entre 1916 e 1917. De acordo com Ângela Meirelles de

(inclusive na França), a proposta de Zamora foi de transformar a revista em uma plataforma para o debate intelectual americano engajado.

Já como editora, a Claridad privilegiou o pensamento e a literatura europeia do século XIX, em especial dos russos (Gorki, Tolstoi, Dostoievski) e dos franceses (Anatole France, Jules Romains). Paralelamente, Zamora publicava outras coleções que traziam os textos mais representativos da literatura e do pensamento político, social e filosófico da época. Através dos estudos de Juliana Cedro (2012) e Ângela Meirelles de Oliveira (2018) foi possível observarmos como as bibliotecas eram organizadas para os leitores através dos títulos correspondentes a possíveis campos de interesse: *Biblioteca Científica, Biblioteca del Cosmos, Obras de Estudios Sociales, Colección Sherlock Contemporaneo, Teatro Nuevo, Teatro Popular, Los poetas, Los Nuevos, Los Realistas, Clásicos del Amor*.

Tais coleções, organizadas com orientações literárias e políticas específicas, eram vendidas em encadernações rústicas a preços acessíveis. Em pouco mais de 10 anos foram impressos um milhão de exemplares, com edições que normalmente ficariam em 10 mil, mas que na década de 1930 chegaram aos 25 mil exemplares (SOARES, 2002). Na coleção publicava-se de tudo: ficção europeia, ensaio filosófico, esotérico, político. Nas palavras de Beatriz Sarlo (2010):

Montam uma biblioteca do aficionado pobre; atendem a um novo público e, ao mesmo tempo, o estão produzindo, proporcionando-lhe uma literatura responsável do ponto de vista moral, útil por seu valor pedagógico, intelectual e economicamente acessível (SARLO, 2010: 40).

Segundo Gabriela Pellegrino Soares (2002), para baratear os custos, as tiragens de Claridad eram enormes e os direitos autorais dificilmente eram pagos. Os livros eram ainda anunciados em revistas e vendidos em bancas de jornal, sendo distribuídos para toda a América Latina.

No início dos anos 1940, porém, com a elevação do preço do papel e a concorrência das editoras que se instalavam no país, a Editorial Claridad foi obrigada a fechar suas portas. Os projetos editorial e político foram abalados. Contudo, segundo Mario Bellocchio (2016), Zamora seguiu editando alguns livros, basicamente de Direito, sob o seu próprio selo editorial. Uma destas obras, que não se enquadra propriamente no campo jurídico, mas literário e político, relacionado ao combate ao fascismo, foi o romance biográfico *La Vida de Luiz Carlos Prestes*, da autoria do escritor brasileiro Jorge Amado, obra dedicada à vida do líder revolucionário gaúcho.

Jorge Amado em um projeto político editorial no Brasil e na Argentina

Jorge Amado nasceu em Itabuna, Bahia, em 10 de agosto de 1912. Viveu a maior parte da infância em Ilhéus e quando jovem migrou para o Rio de Janeiro, onde estudou Direito na Faculdade do Rio de Janeiro, curso concluído em 1935. Na capital brasileira da época conheceu Oliveira (2018), nos anos seguintes, os também intelectuais franceses Raymond Lefebvre, Paul Vaillant Couturier e Henri Barbusse, lançaram uma revista internacional. O grupo, bastante heterogêneo, foi denominado Clarté – nome de um romance de Barbusse publicado naquele ano; logo deu origem a um jornal (1919-1921) e depois a uma revista de mesmo nome que circulou entre os anos de 1921 e 1928.

comunistas que o levaram à Juventude Comunista no ano de 1932. Em 1934 foi eleito membro do comitê dirigente. Neste mesmo período iniciou a publicação de uma série de romances chamados regionalistas, tematizando o seu estado natal e com forte crítica social, a exemplo de *Cacau* (1933) e *Suor* (1934).

Na mesma década, de acordo com Josélia Aguiar (2018), foi reconhecido por sua produção romanesca, tendo sido sucesso de público. No período do governo autoritário do Estado Novo (1937-1945), devido à sua militância política, teve suas obras censuradas ou proibidas de serem publicadas, tendo tido alguns dos seus títulos queimados em praça pública. Foi preso algumas vezes, primeiramente em 1936 e depois em 1937. Entre 1941 e 1942, em virtude da perseguição política, se autoexilou em Buenos Aires (Argentina) e depois em Montevideo (Uruguai).⁷ Foi neste contexto que Jorge Amado escreveu a biografia romanceada do líder comunista Luiz Carlos Prestes, preso no Rio de Janeiro em 1936 pelo Governo Vargas.

O Estado Novo corresponde justamente ao período em que Getúlio Vargas (1882-1954) governou o Brasil entre os anos de 1937 e 1945, momento em que o autoritarismo, a censura e a centralização do poder foram elementos mais fortes. Instaurado em 10 de novembro de 1937, o Estado Novo foi justificado em grande parte justamente devido a um suposto risco do comunismo no país. Prestes já estava preso desde o ano anterior em virtude de sua liderança nas chamadas “intentionas comunistas”, ocorridas em novembro de 1935, antes mesmo do fechamento da Aliança Nacional Libertadora, do qual era presidente de honra. Jorge Amado, também participante da ANL e membro do PCB, foi um dos vários artistas, intelectuais, escritores que sofreram com a repressão policial através da Lei de Segurança Nacional, implementada pelo próprio Getúlio Vargas.

Neste contexto, na Argentina, Jorge Amado achou um ambiente intelectual muito receptivo, do qual se serviu para reforçar seus atos político-literários. A região do Rio da Prata vinha reunindo exilados brasileiros desde 1930. Havia integrantes da ANL (Aliança Nacional Libertadora),⁸ chamados de nacionais libertadores do Prata, nem todos comunistas. Havia também exilados liberais, como Júlio de Mesquita Filho e Armando de Sales Oliveira.

Segundo Gustavo Sorá (2010), na Argentina Jorge Amado conseguiu viver exclusivamente de sua pena. Em Buenos Aires colaborou no jornal *Crítica*, na *Revista Sur* e outros jornais literários de destaque. Nesta época, a cidade argentina tornou-se conhecida pela grande quantidade de exilados espanhóis republicanos.

Em *Navegação de Cabotagem* (1992), Jorge Amado registrou o local (Buenos Aires) e o ano (1941), bem como as circunstâncias específicas da produção do livro: “lugares, delícia de subúrbio de Buenos Aires. Assim era mil novecentos e quarenta um quando lá vivi na chácara

7. Na verdade, a escolha pela América Latina teve motivações estratégicas para expansão de suas obras no mercado editorial do continente, como bem frisou a biógrafa Josélia Aguiar (2018), em livro recém-lançado, no Brasil e em Portugal, antes mesmo de estabelecido em Buenos Aires, Jorge Amado conheceu diversos países como Chile e Argentina.

8. Frente de esquerda composta por setores de diversas organizações de caráter anti-imperialista, antifascista e anti-integralista, tendo congregado comunistas, alguns tenentes, operários e intelectuais de esquerda, criada no ano de 1935 e com sedes em praticamente todo o território nacional.

um italiano, ali escrevi *O Cavaleiro da Esperança*” (AMADO, 1992: 437). Afirma ter escrito a biografia em um mês, tendo iniciado no começo de dezembro de 1941 e concluído em 03 de janeiro de 1942 (quando Prestes completou 44 anos). A obra foi publicada no mês de maio, ou seja, de janeiro a maio houve o processo de tradução e preparação do livro para publicação, com projeto gráfico aí incluído.

Segundo Josélia Aguiar (2018), foi das mãos do militante Roberto Morena que Jorge Amado recebeu uma documentação sobre Luiz Carlos Prestes, de Leocádia Prestes, vinda do México à Argentina. O responsável pelo contrabando literário era um “comunista desde os quinze, preso três vezes no Brasil, duas vezes exilado, lutou na Guerra Civil Espanhola, com a vitória de Franco, refugiou-se na Argélia, passou por Ucrânia, Japão, Estados Unidos, e estava em seu mais recente destino, no México” (AGUIAR, 2018: 160).

Josélia Aguiar (2018) listou ainda os depoimentos que Jorge Amado colheu para a construção da obra: Rodolfo Ghioldi, um dos principais nomes do comunismo na América hispânica; Teresa Kelman, Rosa Meirelles, Major Costa Leite. Por carta recebeu depoimentos de Juarez Távora e Flores da Cunha, e documentos jurídicos do advogado Sobral Pinto. “A correspondência se dava por vezes por codinomes e códigos, para confundir a censura. Ainda assim foi avisado de que seu endereço estava ficando por demais conhecido” (AGUIAR, 2018: 162-163).

Jorge Amado era um jovem de 29 anos quando lançou o livro na Argentina. O escritor exilou-se em Buenos Aires para escrever a biografia do líder comunista, cumprindo assim sua missão de produzir a serviço do partido um livro que poderia ter uma funcionalidade clara: colaborar com a liberdade de Prestes, que estava preso desde 1936 pelas forças getulistas. Ao contrário do que muitos imaginavam na época e na atualidade, a ideia de escrever tal biografia não nasceu do partido, mas sim do próprio Jorge Amado. Como bem frisou Josélia Aguiar (2018: 162): “dedicado a projetos biográficos e confiante na comoção nos leitores que buscava. Quem confirmava essa informação três décadas depois era o próprio Prestes”.

No Brasil, houve a censura prévia, com a proibição da publicação, visto que o Estado Novo de Getúlio Vargas temia um engajamento político nas causas comunistas, além da própria obra ser uma contestação do regime em questão. Mesmo em espanhol, o livro transpôs as fronteiras brasileiras através dos militantes e simpatizantes do PCB e ex-integrantes da ANL, chegando às terras brasileiras datilografadas ou fotografadas, de forma contrabandeada, difundindo-se de mão em mão. Segundo o próprio Jorge Amado (2011), em apresentação à primeira edição brasileira:

Traduções para outras línguas foram feitas sobre a tradução espanhola; no Brasil, além dos exemplares daquela edição vendidos clandestinamente, por vezes por preços absurdos, apareceram cópias datilografadas e até em fac-símile fotográfico... Os exemplares aqui vendidos nunca chegaram a ser propriedade individual de alguém, viveram sempre de mão em mão. O povo se referia a este livro com os mais diversos nomes: Vida de Luís, Vida do Rei Luís, Travessuras de Luisinho, etc. depois a edição Argentina foi proibida e queimada em Buenos Aires, por ordem do governo Perón. Valorizaram-se ainda mais os exemplares que circulavam no Brasil. Houve quem vivesse do aluguel de exemplares (AMADO, 2011: 11).

A edição argentina, além do texto do romance propriamente dito, traz uma notícia sobre Jorge Amado; um prefácio de Carlos Costa Leite,⁹ membro da Aliança Nacional Libertadora na década anterior; uma introdução com um nome de Rimance¹⁰; uma nota; e, ao final, um apêndice com diversos documentos: duas cartas, um artigo e textos do advogado Sobral Pinto,¹¹ defensor de Prestes, bem como a reprodução de algumas fotografias do engenheiro militar Luiz Carlos Prestes e de pessoas e episódios ligados a ele.

De acordo com Gustavo Sorá (2003), os editores argentinos desde meados da década de 1930, fizeram da literatura brasileira um capítulo das literaturas americanas a traduzir “a edição sistemática de literatura brasileira teve, em Buenos Aires, uma primeira fonte de reconhecimento internacional” (SORÁ, 2003: 198). Grande parte dos livros hoje considerados clássicos da literatura brasileira, escrito por nomes a exemplo de Euclides da Cunha, Gilberto Freyre, Jorge Amado, José Lins do Rego, etc., foram publicados neste período.

Na Argentina, até 1935, a tradução de autores brasileiros foi esporádica, canalizada pela biblioteca do jornal *La Nación*. A partir deste mesmo ano, segundo Gustavo Sorá (2003), não houve um ano em que não tenham sido publicados títulos de autores do Brasil:

Na Argentina, nesse ano se observa uma transformação de extrema importância, marcada pelo aparecimento sincrônico de duas coleções exclusivamente dedicadas à edição de autores brasileiros: a Biblioteca de Novelistas Brasileiros, da Editorial Claridad, que publicava exclusivamente prosa; e a Biblioteca de Autores Brasileños traduzidos do castelhano, que selecionava obras fundamentais do que hoje em dia é considerado o pensamento social brasileiro (SORÁ, 2003: 201).

A Biblioteca de Novelistas Brasileiros, da Editorial Claridad, fundada por Antônio Zaimora em 1922, se apresentou como uma tribuna do pensamento de esquerda. No plano local, segundo Mario Bellocchio (2016), reunia a constelação de autores brasileiros realistas do grupo de *Boedo*. Sob esse panorama, a coleção de autores brasileiros ganhava grandes tiragens e era enquadrada entre problemas sociais e políticos, para os quais bem se ajustavam os romancistas e coleções da Livraria José Olympio.

Gustavo Sorá (2003), ao analisar as instâncias do processo de tradução de livros brasileiros para o espanhol na Argentina, concentrou-se nas diferentes mediações que influenciam esse processo (das instituições e políticas do Estado às políticas e subsídios de mercado e edi-

9. Carlos da Costa Leite foi um militar comunista formado na Escola Militar do Realengo, cujo curso concluiu em 1918, na mesma turma de Luiz Carlos Prestes, Siqueira Campos e Eduardo Gomes. Foi do Diretório Nacional da Aliança Nacional Libertadora (ANL), em 1935. Perseguido no Brasil, morou no Uruguai e depois na França. Foi membro do Partido Comunista Brasileiro (PCB).

10. Rimance é uma forma popular em verso que se diz ao violão. Romancistas que se apropriavam do universo popular geralmente se utilizavam do termo em suas narrativas. Jorge Amado, no Brasil, foi um deles.

11. Heráclito Fontoura Sobral Pinto, jurista e advogado de presos políticos, apelidado de “Senhor Justiça”, notabilizou-se por seus embates contra a ditadura do Estado Novo de Getúlio Vargas (1937-1945) e contra o regime militar (1964-1985). Apesar de suas divergências com o “comunismo materialista”, por conta de seu catolicismo fervoroso, foi defensor dos comunistas Luiz Carlos Prestes e Harry Berger perante o Tribunal de Segurança Nacional em 1937.

toriais). A investigação relacionou quatro grandes períodos da tradução de literatura brasileira na Argentina. A primeira se estendeu desde o século XIX até à década de 1930, época em que os primeiros autores brasileiros apareceram no mercado editorial argentino, como Machado de Assis e Euclides da Cunha, por exemplo.

Interessa-nos especificamente a segunda etapa enfatizada por Gustavo Sorá (2003), visto que é o contexto de publicação da biografia de Prestes lançada por Jorge Amado. Nesta fase, apesar da perseguição ao comunismo, com Luiz Carlos Prestes e Jorge Amado sendo os dois membros mais importantes do Partido Comunista Brasileiro, houve “a mão” de políticas culturais do Estado Novo de Getúlio Vargas (1937-1945), que difundiu a ideia de uma “autêntica cultura nacional brasileira”.¹²

Segundo Alfredo Berno de Almeida (1979), o livro *La Vida de Luiz Carlos Prestes* saiu numa tiragem de 31 mil exemplares e em meses conheceu uma segunda edição, o que confirma a recepção positiva de Jorge Amado por seu público não só na Argentina.¹³ Segundo pesquisas de Alfredo Berno de Almeida (1979), durante os primeiros anos da década de 1940, foi um dos títulos mais vendidos na América Latina no mesmo período. Todavia, segundo Jorge Amado, na própria Argentina o governo Perón teria censurado a obra. Tal aspecto ainda precisa ser estudado para maiores detalhes.

Sobre a edição argentina, recentemente um material inédito, conhecido como *Mala de Jorge Amado*, foi analisado na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), através do Núcleo Literatura e Memória (nuLIME), coordenado pela professora de literatura Tânia Regina Oliveira Ramos, e deu conta de detalhes que vão desde as redes políticas que possibilitaram a colaboração do livro, bem como as condições sociais que levaram à sua publicação. São mais de 1400 páginas de cartas, recortes de jornais, fotografias, poemas, que pertenceram a Jorge Amado em sua época de militante comunista na Argentina e no Uruguai (1941-1942), justamente quando estava a escrever a biografia de Luiz Carlos Prestes.

Segundo Nicola Mira Gonzaga da Silva (2016), os documentos ficaram com uma amiga militante que utilizava o pseudônimo de Rosa, também exilada no Uruguai, em 1942. O companheiro de Rosa, de nome Bernardino do Vale, guardou o material até entregar à professora da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Leonor Cabral, filha de Rosa, quando enfim a documentação chegou como doação ao Núcleo Literatura e Memória (nuLIME).

12. As outras duas etapas são: a terceira, chamada pelo comércio, de 1945-1985, exhibe a hegemonia do mercado na eleição e de funcionamento da tradução, embora se possa acrescentar também e, sobretudo, a importância durante a década de 1960 de questões ideológicas e os tipos de problemas para os quais os estudos sociais brasileiros aparecem como um modelo a ser observado, como refletido na relevância de questões relacionadas a problemas sociais e de desenvolvimento durante essa década. Finalmente, um quarto período, que Gustavo Sorá (2003) chama de internacionalização, começou em 1985, no qual as relações entre a cultura argentina e brasileira resultaram em grande parte da mediação das trocas internacionais na Feira de Frankfurt, em Barcelona e em circuitos construtores do mercado editorial internacional.

13. Sobre as traduções, ainda é possível observamos a repercussão internacional do livro, visto que a partir de 1945 a biografia de Prestes foi publicada em Portugal para, em seguida, ser traduzida para o albanês, alemão, árabe, alemão, búlgaro, chinês, espanhol, eslovaco, francês, grego, hebraico, holandês, húngaro, italiano, japonês, mongol, persa, polonês, romeno, russo e tcheco. Esse título foi traduzido em mais de 20 línguas.

Nicola Mira Gonzaga da Silva (2016) levanta a hipótese da motivação de Jorge Amado ter deixado no caminho tal mala contendo tão importantes documentos (há inclusive cópias de contratos de traduções de suas obras): o temor que os documentos fossem pegos pelos órgãos de censura da ditadura de Getúlio Vargas. Ocorrendo isso, prisões aconteceriam, visto que os seus colaboradores, entre eles brasileiros, poderiam sofrer algum tipo de perseguição do regime do Estado Novo.

Segundo Thalita da Silva Coelho (2016), neste conjunto de documentos é possível observar os vestígios de diversas vozes de militantes de esquerda, principalmente da América Latina, a favor da luta pela democracia e a anistia de Luiz Carlos Prestes. Nicola Mira Gonzaga da Silva (2016), ao cartografar tais documentos, procurou evidenciar uma rede de colaboradores de Jorge Amado, que iam desde poetas até jornalistas, quase todos diretamente envolvidos nas atuações políticas de esquerda na América Latina. São recortes de jornais que possivelmente ajudaram a construir a narrativa, bem como poemas que exaltavam a necessidade de liberdade de Luiz Carlos Prestes naquele contexto.

Em um desses documentos são observadas algumas correspondências entre o escritor Jorge Amado e alguns nomes diretamente ligados à editora Claridad. A primeira é uma carta datilografada por Jorge Amado para um sujeito chamado Miguel, que data de 06 de maio de 1942, mês de publicação do livro. Na carta, Jorge Amado pede para Miguel que ele seja portador de um abraço a Antônio Zamora, na homenagem que será feita à Editorial Claridad. O mesmo enfatiza em dois trechos: “essa tem sido uma editora a serviço da democracia e da liberdade em todo o continente americano” e “uma editora de bons livros é uma das maiores armas da democracia, da liberdade e do povo [...]. É a editora da inteligência jovem da América Latina” (AMADO, 1942: 01).

Em outra correspondência sem data que Jorge Amado recebeu de Pompeu Borges,¹⁴ seu tradutor, este diz que a tradução estava próxima de ser concluída, faltando 50 a 60 páginas. Em outro trecho afirma que “Carlinhos já está com aquele ar de guerreiro” e enfatiza que a biografia é “um livro – à altura dos maiores livros de uma literatura” (BORGES, s/d). O diálogo demonstra a sintonia de ambos em colocar em prática o mais rápido possível o projeto da biografia dedicada a Carlinhos, ou seja, Luiz Carlos Prestes.

Além disso, foi encontrado o depoimento de Selma Zamora¹⁵, figura de poder de decisão na Editora Claridad, que escreveu as seguintes palavras sobre a obra:

Quando me deram as provas de seu livro para corrigir, recebi-as com curiosidade, porque pouco ou nada sabia sobre Luiz Carlos Prestes, mas ao mesmo tempo estava com um temor de ser uma

14. *La Vida de Luiz Carlos Prestes* foi traduzido por Pompeu Borges, intelectual brasileiro, amigo de Jorge Amado e militante da Aliança Libertadora Nacional (ANL), que residia na Argentina à época. Atuante no Rio de Janeiro, depois da implantação do Estado Novo, sua prisão foi decretada pelo Superior Tribunal Militar (STM). Foi exilado no Peru, Paris e por último na Argentina, onde em Buenos Aires encontrou emprego e uma rede de intelectuais esquerdistas, principalmente republicanos espanhóis.

15. Selma Zamora, segundo Nicola Mira Gonzaga da Silva (2016), trabalhava na Editorial Claridad como tradutora e possivelmente como revisora.

pesada biografia política. Pouco a pouco fui me afeiçoando ao personagem e ao próprio livro, até lamentar chegar a lamentar que tivesse a palavra fim (ZAMORA, ano apud FERNANDES, 2013).¹⁶

Infelizmente a documentação conseguida até o momento não permitiu compreender com mais nitidez e complexidade as relações mais efetivas entre Jorge Amado e seus editores da Claridad. O que temos são os registros curtos acima, que se dedicam a empreender mais impressões do livro no contexto de seu conteúdo do que as indicações propriamente editoriais.

O Cavaleiro da Esperança: monumentalização de Luiz Carlos Prestes

A primeira edição brasileira do livro *O Cavaleiro da Esperança* foi publicada no ano de 1945 pela editora Martins, de São Paulo, e apenas se decretou anistia aos presos políticos no mês de abril¹⁷. As primeiras edições, no período de 1945 a 1956, continuaram sendo lançadas pela editora inicial, excetuando a 9ª edição, lançada na Coleção Novos Horizontes da Editorial Vitória, pertencente ao Partido Comunista Brasileiro (PCB)

De acordo com Anita Leocádia Prestes (2011: 373), “com o golpe reacionário de 1964, o livro desapareceu das livrarias, só voltando a ser publicado em 1979”. Depois, a Editora Record, em parceria com o Círculo do Livro, publicou uma edição especial, com uma nota à 20ª edição, no ano de 1979, em um contexto de anistia aos presos políticos da ditadura militar no Brasil. Até o início dos anos 2000, vamos encontrar edições publicadas pela Editora Record; a partir de 2011, a Companhia das Letras comprou os direitos autorais da família e lançou a obra com um novo projeto gráfico.

O livro *O Cavaleiro da Esperança*, segundo o próprio Jorge Amado, teve como objetivo fundamental servir à causa da anistia aos presos e exilados políticos do período do Estado Novo (1937-1945). O mais interessante é observarmos que em outro contexto, em 1979, quando houve a retomada com a republicação da obra, já na sua 20ª edição, o Brasil vivenciava novamente uma campanha da anistia, dessa vez com as vítimas dos governos ditatoriais do período de 1964 a 1985. O livro, então, ganhou outro contexto, mas articulado a uma mesma causa, que, segundo Jorge Amado, retornava ao seu sentido original.

Jorge Amado escreveu a biografia pautada em depoimentos da família, dos ex-integrantes da Coluna Prestes e em lembranças dos membros da Frente Popular¹⁸ que participaram da efervescência do movimento e dos levantes armados de 1935, com destaque para as memórias

16. Tiramos o trecho do qual traduzimos a partir do trabalho de Fernandes (2013).

17. Desde o fim da segunda guerra mundial, houve uma pressão pública nacional para o fim do governo de Getúlio Vargas. Este último acabou por no início de 1945 liberando os presos políticos, o mais notório foi justamente Luiz Carlos Prestes.

18. Frente Popular, de acordo com Ângela de Oliveira (2015), é o nome dado a diversas forças ou coligações eleitorais de partidos de esquerda atuantes na Europa e na América Latina, principalmente nos anos 1930. Seus componentes principais eram partidos de esquerda (socialistas e comunistas) junto a partidos burgueses liberais e de centro-esquerda (radicais republicanos).

da mãe de Prestes, Dona Leocádia Prestes, a quem o livro é dedicado. O escritor baiano não conhecia pessoalmente Luiz Carlos Prestes até aquele momento.

De acordo com Matheus de Mesquita e Pontes (2007), a obra trata-se de um *livro de memórias* que não narra a história do próprio Prestes, mas dos indivíduos que pertenceram aos diversos grupos sociais em que Prestes teve notória participação e envolvimento. Houve uma espécie de montagem biográfica através da seleção de depoimentos, documentos e cartas de pessoas do partido que permitiram a construção do personagem. Matheus de Mesquita Pontes (2007) assim evidencia:

A recorrência às lembranças da mãe de Prestes, a leitura das atas e biografias produzidas pelos membros da Coluna Prestes, incluindo as próprias recordações particulares do grupo, fazem com que o literato sintam-se autorizado a escrever a biografia de seu líder político, contextualizando as condições sociais, econômicas e políticas características do período (PONTES, 2007: 244).

Sobre a questão de a biografia ser uma espécie de livro de memórias, é necessário entendermos algumas questões. “A biografia difere de outras espécies ou demais gêneros que compõem o espaço biográfico e a literatura biográfica porque seu narrador não produz um discurso sobre ele próprio, mas acerca de outro, no qual também deixa suas marcas”, é o que afirma Mariana Xavier (2012: 46). As marcas aqui são justamente um conjunto de *memórias autorizadas* que expressam sempre certa *unidade de sentido*. Tal unidade é expressa através das características do biografado, que são exaltadas durante todo o livro, do homem sério, correto, determinado, modesto, justo e equilibrado.

Aqui cabe uma reflexão sobre a ideia de autoria a partir das reflexões de Michel Foucault (1992) e Roger Chartier (2012). Ambos discutem a noção de função-autor; o primeiro compreendendo que a preocupação com a autoria remete ao fim do século XVIII, convertendo os escritores em instauradores de discursividades dentro de um contexto de crucial individualização na história das ideias; o segundo traz uma discussão dotada de uma maior complexidade, indicando que os processos que dão início ao surgimento da função-autor seriam ainda mais antigos do que os propostos por Michel Foucault. Ao utilizarmos a noção de *função-autor*, aplicado a outro contexto dos anos 1940, através do escritor Jorge Amado, na obra *La Vida de Luiz Carlos Prestes*, observamos que o escritor baiano, mesmo assumindo a autoria da obra, procura respaldar a todo o momento a colaboração de outros nomes, do qual foi possível a sua escritura. Chamo isso de *autoria-coletiva*, bem ao espírito dos comunistas da época. Ou seja, a biografia de Prestes pode ser compreendida como um projeto político e editorial coletivo.

E que outros “autores” ou “colaboradores” são estes? As pistas podem ser apresentadas através da própria dedicatória, formado em sua maior parte por familiares do biografado, Luiz Carlos Prestes, bem como amigos de Prestes e do próprio Jorge Amado, muitos deles comunistas exilados em Buenos Aires. As primeiras são justamente dona Leocádia Prestes, mãe de Prestes; Lila (supostamente uma das irmãs de Prestes); Rodolfo Ghioldi (comunista argentino que fez parte das revoltas comunistas de 1935, chamado por Jorge Amado de “o brasileiro”);

Pedro Mota Lima, Pompeu Acioli Borges e Roberto Sisson (ambos jornalistas e militares que conviveram com o escritor baiano durante o exílio argentino).

Para Foucault (2009), a função-autor é o resultado de operações complexas que conferem unidade e coerência a certos discursos, estabelecendo a maneira pelos quais eles circulam em dada sociedade, servindo como um “[...] princípio de economia frente à proliferação do sentido” (FOUCAULT, 2009: 287). Entretanto, Roger Chartier (2012) destaca que esta mesma função-autor se estabelece principalmente a partir da atuação de dois processos. O primeiro consiste em uma triagem dos textos, destacando, dentre todos, apenas aqueles aos quais essa função é atribuível. O segundo implica na construção da figura do autor e consiste na seleção dos traços pertinentes à sua caracterização. Desta forma, para Chartier (2012), o escritor é submetido a um processo de seleção, admissão e exclusão: nem tudo o que ele escreve é atribuído à função-autor, assim como nem tudo o que ele faz é relevante para sua biografia, mas apenas aquilo que contribui para constituir uma unidade coerente e bem distinguível. Igualmente, o surgimento da função-autor implica na seleção dos textos que compõem as obras, além do estabelecimento das suas chaves de leitura.

Se relacionarmos estas reflexões para a cultura comunista brasileira dos anos 1940, compreendermos que mesmo que Jorge Amado assuma a autoria do livro *O Cavaleiro da Esperança*, a costura discursiva que empreende sugere uma formação coletiva, do grupo da qual faz parte, o PCB, dentro do processo de seleção, admissão e exclusão de dados e pontos de inteligibilidade do biografado.

Outro ponto importante neste contexto é a compressão de que a década de lançamento da biografia, os anos de 1940, faz parte da fase do que Alceu do Amoroso Lima chamou de *boom biográfico* ou de *epidemia biográfica* no Brasil, iniciada na década anterior. Ou seja, momento de sucesso editorial, com títulos e mais títulos conquistando o público e a crítica especializada nacional. Autores como Octávio Tarquínio de Sousa, Lúcia Miguel Pereira, Luiz Vianna Filho e tantos outros biógrafos se firmaram trazendo à baila biografias de nomes como Machado de Assis, Pedro I, Rui Barbosa, Diogo Feijó, sendo expressões da chamada biografia moderna, que surgiu como narrativa no alvorecer do século XX, principalmente no Pós-Primeira Guerra Mundial.

Foi o momento em que duas tipologias de fazer biográfico se contrastaram: *a biografia documental* e *a biografia romanceada*. Márcia Gonçalves (2009), ao tentar reconstituir o ambiente intelectual da produção áurea de biografias brasileiras nos anos 1930 e 1940, destaca o embate sobre o lugar desse gênero na construção do conhecimento histórico e literário. Demarcado pelo hibridismo, havia uma preocupação em determinar se a biografia era uma expressão da ciência ou da arte.

Encontramos um exemplo deste debate no livro *A Verdade da Biografia*, do escritor baiano Luís Viana Filho (1945), que mostra uma interessante radiografia acerca das questões sobre o gênero biográfico nas décadas de 1930 e 1940. O modelo que o autor defende é a biografia moderna, também chamada de romanceada ou literária, pois nela o autor recria a realidade

social através de “significados sedutores”, todavia não se afastando de um fazer científico, demarcado pelas fontes em que o biógrafo trabalha.

No caso específico de Jorge Amado, percebe-se que o livro *O Cavaleiro da Esperança* é um exemplo da biografia romanceada. Além disso, deve-se observar que um ano antes do lançamento da biografia sobre Luiz Carlos Prestes, Jorge Amado publicou sua primeira experiência no gênero, o *ABC de Castro Alves* (1981), biografia romanceada do poeta baiano. Na mesma lógica de construção, o personagem é apresentado de maneira idealizada e mitológica, como um libertário e redentor de uma época – no caso, o século XIX.

Em texto introdutório à biografia de Prestes, o próprio Jorge Amado (2011: 15) revela: “como senti necessidade de escrever uma biografia de Castro Alves, da mesma maneira achei que era meu dever de escritor, perante o povo do Brasil, escrever uma biografia de Luiz Carlos Prestes” e um pouco antes já dialogava com os dois personagens escolhidos: “o Poeta e o Herói constroem os povos e dão-lhes personalidades, dignidade e vida” e conclui: “o Poeta está na praça quando o povo clama, pedindo liberdade. O Herói está na frente do povo quando o povo se levanta conquistando liberdade” (AMADO, 2011: 19).

Portanto, podemos afirmar que o Jorge Amado biógrafo, ao escolher Castro Alves e Luiz Carlos Prestes como biografados, optou por um fazer biográfico menos documental e mais poético/romanceado, explorando os recursos que já dominava como ficcionista, elaborando assim personagens libertários e símbolos da revolução cultural e histórica do Brasil dos séculos XIX e XX.

Com cerca de 400 páginas (variando de acordo com a edição), o romance biográfico *O Cavaleiro da Esperança* foi dividido em cinco partes e em 50 capítulos, sendo: *Parte 1* (O Menino Pobre), *Parte 2* (Marcha da Coluna Prestes), *Parte 3* (Os caminhos do exílio), *Parte 4* (Quanto da Aliança Nacional Libertadora) e *Parte 5* (O Cavaleiro da Esperança).

A narração do livro acontece em terceira pessoa e Jorge Amado não se apresenta explicitamente como um elemento envolvido na história, salvo nos momentos em que o autor estabelece diálogo com sua interlocutora, o que pressupõe uma ouvinte ou uma leitora (uma espécie de leitora imaginária), tratando-a como amiga e às vezes negra: “Vou te contar amiga, a história dessa luz, dessa estrela” (AMADO, 2011: 18).

Na primeira parte, Jorge Amado trata dos tempos de formação escolar e das origens familiares de Prestes, sobressaindo a inteligência, a dedicação da mãe, as irmãs, o esforço de superar as barreiras no meio escolar e social e o ideal pelo bem comum. Nesses primeiros capítulos destaca-se o mito da origem revolucionária, principalmente quando escreve: “seu nascimento marca o instante em que começa o fim dos tempos dos tiranos” (AMADO, 2011: 35) ou exaltando a herança moral proveniente dos seus pais e avós.

Depois, na segunda parte, Jorge Amado traduz os detalhes de formação e luta da chamada Coluna Prestes. A liderança política e a honradez do personagem são mais uma vez bastante enfatizadas. Todavia, segundo Matheus de Mesquita e Pontes (2007), devemos compreender que:

Amado é mestre em (re)fazer o uso das memórias e dos esquecimentos para garantir coerência em suas narrativas. O escritor busca a (re)adaptação dos esquecimentos, ocultando fatos ou re-fazendo-os sob outra ótica, como por exemplo, a rejeição ou o medo de algumas comunidades interioranas em relação à passagem da Coluna Prestes, o apoio e o entusiasmo desses povos com a passagem dos revoltosos ou a minimização do desastre organizado dos levantes de 1935 que endureceram a repressão do regime Vargas (PONTES, 2007: 248).

Na terceira parte do livro, Jorge Amado (2011) apresenta a filiação de Prestes ao PCB, bem como o seu período de exílio nos países latino-americanos (Bolívia/Argentina) e na União Soviética. Para o romancista, a URSS se apresenta como a pátria dos trabalhadores, “pátria da ciência, da arte, da cultura, da beleza e da liberdade. Pátria da justiça humana, sonho dos poetas que os operários e os camponeses fizeram realidade magnífica” (AMADO, 2011: 214). Percebe-se claramente uma visão idealizada que marcou a sua produção literária naquele momento.

No contexto geral da sua obra, o período da década de 1940 até 1955 pode ser considerado o auge da literatura a serviço dos ideais comunistas. A filiação de Jorge Amado à Juventude Comunista se deu no ano de 1932, na época um jovem romancista. Seu afastamento do partido só se deu no ano de 1956, embora sem deixar os quadros do partido. Segundo Josélia Aguiar (2018), desiludido com as denúncias contra Stalin, sua postura mudou completamente, afirmando sua tristeza diante das descobertas sobre o líder soviético.

Um exemplo de seu engajamento foi a publicação do livro *Mundo da Paz*, em 1951, quando Jorge Amado relata experiências de viagens através de várias regiões da antiga União Soviética e outras repúblicas socialistas. Em um trecho desse livro há uma exaltação a Stalin: “mestre, guia e pai, maior cientista do mundo de hoje, o maior estadista, o maior general, aquilo que de melhor a humanidade produziu” (AMADO, 1951: 59). Porém, as denúncias contra Stalin deixaram uma marca tão forte em Jorge Amado que o autor proibiu a publicação de muitos de seus livros stalinistas, com exceção do próprio *O Cavaleiro da Esperança*, julgado pelo escritor de grande utilidade para a luta da anistia e para a lembrança das memórias daqueles que lutaram por um Brasil mais justo.

Na quarta parte dessa biografia, Jorge Amado demonstra claramente sua experiência enquanto militante na Frente Popular da Aliança Nacional Libertadora (ANL) nos anos 1930. Enquanto vítima das perseguições desse período, o teor crítico de participante fica mais enfático. Os protagonistas das revoltas populares de 1935 são apresentados como personagens heroicos do povo.

Na quinta e última parte do livro, temos um cântico de luta a favor da anistia. Nele, Luiz Carlos Prestes é apresentado em dimensão mais lendária. Por quê? Jorge Amado arremata clamando o povo brasileiro a lutar pela liberdade do seu herói:

Quando amanhã ele partir novamente no seio do povo, amiga, as noites serão doces noites de amor, nas areias do cais os ais serão suspiros de amantes. Na noite de hoje, de tristeza e de dor, gritemos pela sua liberdade. Levanta a tua voz, clama comigo, com toda a gente do cais, com todos os povos livres do mundo, clama até que teu grito seja ouvido:

“- LIBERDADE PARA LUIZ CARLOS PRESTES!” (AMADO, 2011: 322).

Conclui-se que o livro é um exemplo evidente da construção de uma dimensão mistificadora do herói. Da primeira à última página, há uma organização narrativa que exalta o personagem numa lógica mitológica. Prestes é visto como uma figura quase divina, destinada a guiar o povo brasileiro em direção a uma sociedade mais justa e fraterna.

5. Considerações finais

Como parte do movimento para construir “um grande partido para um grande líder”, como dizia o slogan do PCB na década de 1940, a biografia de Luiz Carlos Prestes, escrita por Jorge Amado, deu a sua colaboração para a campanha de libertação política do mesmo período. Surgida ou não como projeto do próprio escritor baiano, o PCB se utilizou da narrativa para divulgar seu líder em um contexto de mobilização política e de crescimento do comunismo na América Latina.

Além disso, enquanto narrativa biográfica composta por uma série de discursos e memória, sua autoria pode ser pensada metaforicamente como coletiva, pois seu processo de elaboração foi realizado com o auxílio de diversos comunistas, a maioria exilada em Buenos Aires no momento em que Jorge Amado estava também exilado, fugindo do autoritarismo do regime do Estado Novo (1937-1945), do qual o próprio Prestes foi uma das principais vítimas.

A opção pelo gênero biográfico, seja na Argentina ou no Brasil, expõe o crescimento e o interesse deste tipo de publicação, preocupada muitas vezes em heroicizar personagens que marcariam o seu tempo. Assim como Castro Alves foi publicado por Jorge Amado, o mesmo escritor optou pelo revolucionário gaúcho, dentro de uma dinâmica editorial excedente do gênero biográfico no Brasil e no mundo, como observamos nas reflexões anteriores.

Compreendemos também o papel que a Editorial Claridad assumiu em um projeto ao mesmo tempo político e editorial, que possuía no editor espanhol Antônio Zamora (1896-1976) a figura central na Argentina da década de 1940. Buenos Aires, com suas articulações ideológicas, foi o cenário ideal para resistência e a construção de um projeto que mobilizou a resistência e, principalmente, colaborou para uma imagem monumentalizada de Luiz Carlos Prestes.

Como já enfatizamos, a biografia traz uma visão idealizada e romantizada da trajetória de Luiz Carlos Prestes durante toda a narrativa. Jorge Amado, assim, elabora uma narrativa romanceada com o objetivo de disseminar claramente a ideologia do Partido Comunista Brasileiro (PCB), fundado em 1922, e que no auge de sua ilegalidade nos anos de 1930 e 1940, viu na figura de Luiz Carlos Prestes uma bandeira de luta para a liberdade dos presos políticos ao mesmo em que reforçava um mito de natureza revolucionária.

Referências

- AGUIAR, Josélia. *Jorge Amado: uma biografia*. São Paulo: Todavia, 2018.
- ALMEIDA, Alfredo Berno. *Jorge Amado: política e literatura*. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1979.
- AMADO, Jorge. *ABC de Castro Alves*. Rio de Janeiro: Record, 1981.
- AMADO, Jorge. *La Vida de Luiz Carlos Prestes*. Buenos Aires: Claridad, 1942.
- AMADO, Jorge. *Mundo da Paz*. Rio de Janeiro: Editorial Vitória, 1951.
- AMADO, Jorge. *O Cavaleiro da Esperança: vida de Luís Carlos Prestes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- AMADO, Jorge. *O Cavaleiro da Esperança*. Rio de Janeiro: Record, 1979.
- AMADO, Jorge. *Navegação de Cabotagem*. Rio de Janeiro: Record, 1992.
- BELLOCCHIO, Mario. *Luminoso Boedo: La aventura de Antonio Zamora y su editorial Claridad*. Buenos Aires: Ediciones Cicaís, 2016.
- CEDRO, Juliana. El negocio de la edición: Claridad 1922-1937. In: *Coloquio Argentino de Estudios sobre el libro y la edición*. I, 2012, La Plata, Argentina, 2012.
- CHARTIER, R. *O que é um Autor? Revisão de uma genealogia*. São Carlos: EdUFSCar, 2012.
- COELHO, Thalita da Silva. *Entre esparsos e inéditos: a mala de Jorge Amado (1941-1942)*. 2016. *Dissertação* (Mestrado em Literatura) - Programa de Pós Graduação em Letras, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- DIEGO, José Luis de. *La outra cara de Jano: una mirada crítica sobre el libro y la edición*. Buenos Aires: Colección Scripta Manent, 2015.
- FERNANDES, Herisson Cardoso. O fascínio como gênese do líder: esboço para uma visão epistemológica d' Cavaleiro da Esperança, de Jorge Amado. *Revista Intercâmbio dos Congressos Internacionais de Humanidades*, Brasília, v. 01, 2013. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/intercambio/article/download/13198/9299>. Acesso em: 27 ago. 2017.
- FOUCAULT, M. *Ditos e Escritos*. Estética: literatura e pintura, música e cinema. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009. (v. 03).
- GONÇALVES, Márcia de Almeida. *Em terreno movediço: biografia e história na obra de Octávio Tarquínio de Sousa*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2009.
- LATTES, Alfredo; AUTU, Ruth. *Inmigración, cambio demográfico y desarrollo industrial en la*

Argentina. *Cuadernos del CENEP*, Buenos Aires, n. 05, 1978.

OLIVEIRA, Ângela Meirelles de. O longo resplendor: a revista Claridad argentina desde a internacionalização dos grupos Clarté à militância antifascista na década de 1930. Simpósio Nacional de História – ANPUH, 26, São Paulo, 2011. *Anais...* Disponível em: http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1312915383_ARQUIVO_Olongoresplendor_final.anais.pdf. Acesso em: 21 ago. 2018.

OLIVEIRA, Ângela Meirelles de. *Palavras como balas: imprensa e intelectuais antifascistas no Cone Sul (1933-1939)*. São Paulo: Alameda, 2015.

PONTES, Matheus de Mesquita. Memória(s) e esquecimento em O Cavaleiro da Esperança, de Jorge Amado. *Revista Opsi*, Catalão, v. 07, n. 08, 2007.

PRESTES, Anita Leocádia. O Cavaleiro da Esperança: Vida de Luiz Carlos Prestes – uma obra de valor histórico. In: AMADO, Jorge. *O Cavaleiro da Esperança: Vida de Luís Carlos Prestes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SOARES, Gabriela Pellegrino. A semear horizontes: leituras literárias na formação da infância, Argentina e Brasil (1915-1954). 2002. *Tese* (Doutorado em História) - Programa de Pós-graduação em História Social, Universidade de São Paulo, São Paulo.

SARLO, Beatriz. *Modernidade periférica: Buenos Aires 1920 e 1930*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

SILVA, Nicola Mira Gonzaga. O cavaleiro biografado e outros ecos. 2016. *Dissertação* (Mestrado em Literatura) – Programa de Pós-Graduação em Literatura, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

SORÁ, Gustavo. *Brasilianas: José Olympio e a gênese do mercado editorial brasileiro*. São Paulo: Edusp; Com/arte, 2010.

SORÁ, Gustavo. *Traducir el Brasil: una antropología de la circulación internacional de ideas*. [s/l]: Paperback, 2003.

VIANA FILHO, Luiz. *A verdade da biografia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1945.

XAVIER, Mariana Ramalho Procópio. A configuração discursiva de biografias a partir de algumas balizas de História e Jornalismo. 2012. *Tese* (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

Submetido em: 05/09/2020

Aprovado em: 11/11/2020